

(Ouve-se o cantar sonoro dos passaros. Um sino a alguma distancia, bate dez badaladas espaçadas).

SPEAKER: - Verão!... Dez horas da manhã!... Um sol maravilhoso e esplendente espalha sobre as árvores e os bancos de uma pequenina praça a magnificência da sua luz inebriante, fazendo realçar a beleza de todas as coisas, dando um colorido mais forte á alegria de um garrulo bando de crianças que grita, pula e gargalha em torno de um velho realejo, cuja musica vem acordar dentro de nossas almas velhos sonhos adormecidos, visões do passado que o tempo arrastou para muito longe de nós. (Pausa longa)

(Ouve-se um realejo á distancia e o gargalhar da criança)

A pouca distancia desse alegre bando de corações despreocupados, sentado num banco de pedra á sombra de uma frondosa árvore, está um homem quasi velho, numa imobilidade que nos chama a atenção. Sua imobilidade é um chocante contraste aos passaros que cantam, ás árvores que se agitam ao sopro da brisa, ás crianças que gargalham em torno do realejo. O que terá ele? Vejamos. (Pausa em que se ouve o realejo e as crianças um pouco mais forte.) Ah!... Compreendo agora! Ele está dormindo. Tem um livro na mão. Naturalmente sentou-se a ler e adormeceu. Eu tinha curiosidade de saber o título desse livro mas ele o tem numa posição que não me permite vê-lo. Esperem um momento. Ele se mexeu agora e deixou cair o livro a seu lado sobre o banco. Vejamos. (Lendo) "A QUE NÃO PERDOOU" Romance de Roberto Lis. Gostaria de ler alguma coisa deste livro. (Rajada de vento fraco e ruído de pafinas que se viram) Upa! O vento favoreceu a minha curiosidade e fez voltar algumas paginas do livro. (Pausa. Lendo) No albergue São Rafael. (Cessa o canto dos passaros e o ruído do fundo).

Irmã - Ha alguma dentre vós chamada Helena San Diego?

Helena - Sim, irmã. Sou eu.

Irmã - Acompanhe-me até á Secretaria, então. Procuram-na com insistencia.

Helena - A esta hora da noite? Deve ser muito tarde, não é verdade Irmã?

Irmã - Sim, são quasi nove horas. A Superiora, entretanto, consentiu que a chamassem porque o homem que a procura declarou tratar-se de assunto importante e de grande urgencia.

Helena - Quem será? O que quererá ele comigo?

Irmã - Não sei. Vamos, vista o seu casaco e acompanhe-me.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE FOLHAS)

Lis - Não se lembra de mim?

Helena - Não.

Lis - E de Luiz Valmor, lembra-se, por acaso?

Helena - Sim. Era meu marido.

Lis - Seu marido tinha um amigo chamado Celso Ortiz, não se recorda?

Helena - Vagamente.

Lis - Celso Ortiz sou eu.

Helena - E o que deseja de mim?

Lis - Venho de parte do seu marido tratar de assunto de grande importancia para ele e para a senhora.

Helena - Sim? E como soube que me encontrava aqui?

Celso - Porque a procuro desesperadamente há mais de quinze dias. Inicialmente busquei-a em Porto Feliz onde me disseram que a senhora trabalhava numa fábrica de borracha. Lá me informaram que a senhora havia se mudado para esta cidade onde cheguei há três dias e onde tenho batido os cafés, as fábricas e... - perdoe-me - até as casas de tolerancia, em sua procura.

Helena - Mudei-me de Porto Feliz na esperança de conseguir um emprego melhor e melhor sorte. Lá na fábrica onde eu estava trabalhava muito e a minha saúde de cada vez se tornava mais deficiente. Disseram-me que a mudança de ar me faria bem e tratei então de fazer uma pequena economia no meu salário, embarcando para cá. Enganei-me. As colocações aqui ainda estão mais difíceis e a única que consegui foi de lavadora de pratos num café próximo à Estação. O que ganho é tão pouco que sou obrigada a dormir aqui.

Celso - Estou satisfeito porque finalmente a encontrei. O que me traz aqui é o seguinte: sua filha casa-se daqui a cinco dias.

Helena - Maria da Graça?!...

Celso - Ela, sim. Há muito que a não vê, não é verdade?

Helena - Sim. Há três anos, por ocasião do casamento de uma das filhas do Desembargador Vieira Santiago, eu a vi na saída da Igreja de Santa Efigênia. Fui lá propositadamente para vê-la. Tinha lido nos jornais que ela seria uma das aias da noiva. Já então ela estava uma mocinha. Dias depois mudei-me para Porto Feliz e nunca mais a avistei.

Celso - Está hoje uma moça interessantíssima.

Helena - Com quem se casará minha filha?

Celso - Com o doutor Milton Ordováz, conceituadíssimo advogado e lente da Faculdade de direito. Faz um ótimo casamento. Milton é um excelente rapaz.

Helena - Ela o ama?

Celso - Muito. E ele também a ela.

Helena - Serão felizes, então. O amor é a base da felicidade no matrimônio. Sem ele, todos os esforços no sentido de alcançá-la são infrutíferos. Nem a boa vontade, nem a boa educação serão suficientes para manter um perfeito equilíbrio e a indispensável harmonia entre dois seres que tornaram comuns os seus destinos.

Celso - Deixe-me dizer-lhe o que me traz aqui. É tarde e não tenho o direito de abusar da boa vontade da superiora que dirige esta casa e que me permitiu falar-lhe numa hora em que as luzes aqui já deveriam estar apagadas.

Helena - Fale.

Celso - Valmor nunca disse a Maria da Graça o verdadeiro motivo que o separou da Senhora. Mentiu-lhe que uma ocasião em que ela estava quasi a morrer a Senhora fez a promessa de que se ela se salvasse que a senhora iria a Jerusalem beijar o Santo Sepulchro e lá permaneceria em peregrinação até o dia em que ela se casasse. Nessa ocasião terminaria o prazo da sua promessa e a senhora então voltaria novamente para a companhia deles.

Helena - E Maria da Graça acreditou nessa história?

Celso - Sim. E principalmente porque Valmor encarregou a um amigo que lá reside de lhe mandar todos os meses uma carta em seu nome. Quando ele respondia essa carta já enviava o rascunho da outra que deveria vir. E foi assim que Maria da Graça foi se fazendo moça acreditando numa promessa que sua mãe nunca fez mas que, de qualquer forma, serviu para aumentar no seu coração de filha o amor e a gratidão pela autora dos seus dias.

Helena - Foi melhor assim, então. Se ela soubesse a verdade talvez não me quizesse tanto.

Celso - O que Valmor deseja agora da senhora é o seguinte: que volte à casa para assistir a cerimônia, dando-lhe depois a liberdade de permanecer lá, si desejar ou voltar à vida que leva, si preferir. O que mais ele faz questão é que a senhora esteja presente à cerimônia para que a felicidade de Maria da Graça - ao menos naquele momento - possa ser completa.

Helena - Está muito bem. Ainda que isto me custe muito mais do que ele pôde imaginar, eu estarei lá.

Celso - Trago-lhe aqui algumas etiquetas de Hotéis do Egipto que Valmor conseguiu por intermédio daquele amigo que lá reside e que lhe fazia a remessa das cartas. É preciso que elas figurem nas suas malas para que Maria da Graça não suspeite a verdade. Trago também alguns presentes vindos de lá e que a senhora levará para ela. Valmor faz questão absoluta que Maria da Graça continue a acreditar na verdade dessa promessa.

Helena - Está muito bem. Também eu desejo que assim seja. Se ele faz questão que Maria da Graça não se decepcione, não menor é o meu empenho em que ela se mantenha ~~xx~~ nessa alentadora ilusão.

Celso - E finalmente... trago-lhe também este envelope...

Helena - Dinheiro?

Celso - Sim.

Helena - Não o quero. Pôde leva-lo de volta.

Celso - Mas... de que geito fará a senhora essa viagem? Como se apresentará deante de sua filha?

Helena - Eu me arranjaréi, não se preocupe. E me arranjaréi sem qualquer auxilio da parte de Valmor. Ainda soam aos meus ouvidos, ferindo-me os tímpanos com toda a violencia com que foram pronunciados, todos os insultos que ele me dirigiu por causa da sua fortuna. ~~X~~ Leve esse dinheiro, meu caro. Eu perdi tudo, é verdade, mas ainda não perdi a vergonha!

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE FOLHAS)

Mulher - O que é que você faz por aqui?

Helena - Procuro trabalho.

Mulher - A esta hora? Aqui neste lugar? (gargalhada) Óra não seja boba. Vá contar para outra essa historia. Que mania tem todas vocês de querer ocultar aquilo que são.

Helena - Porque me julga mal? Procuro trabalho, sim. E se estou aqui é porque preciso muito de dinheiro e tenho esperança de que me deixem lavar os pratos e os copos quando o movimento tiver terminado. E pôde ser que algum dos mais afortunados no jogo favoreça-me com uma esmola. Preciso embarcar amanhã para Nancy de qualquer maneira.

Mulher - E pensa conseguir o dinheiro da passagem com o pouco que poderia ganhar lavando pratos? (Gargalhadas) Óra deixe de ser tola. Você não é nenhuma creança para ser tão ingenua.

Helena - Terei que ir de qualquer forma. Nem que seja preciso pedir esmolas.

Mulher - Esmolas. (Gargalhadas) Esmolas aqui, a esta hora! (Gargalhadas)

Helena - Porque ri? Os que ganham ao jogo tornam-se às vezes generosos.

Mulher - Olhe aqui: porque não passa um pente nesses cabelos que ainda são bonitos; porque não pinta bem essa boca para destacar mais a sua dentadura que ainda é esplendida; porque não troca esse ar de cansaço e de tristeza por um ar de alegria e bom humor, ainda que fingido, e em vez de esperar para lavar os pratos ou pedir esmolas aos que ganharam ao jogo, não os obriga a convidá-la para uma ceia com champagne ou um passeio ao longo do canal?

Helena - Não. Eu prefiro pedir.

Mulher - Tola! Has de conseguir o que desejas! Trabalho!... Esmolas!...  
(Começa a dar gargalhadas e essas gargalhadas a pouco e pouco vão se afastando até desaparecerem totalmente).

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PAGINAS)

Sergio - Queres comer mais alguma coisa?

Helena - Não, obrigada. Estou satisfeita.

Sergio - Comeste bastante. És boa compenheira para uma ceia. Porque recusaste o vinho?

Helena - Não costumo beber.

Sergio - Esperta, hein? És das que não gosta de perder o controle. Porque preferiste ceiar no meu quarto em vez de irmos a um restaurant onde seríamos melhor atendidos?

Helena - É que... eu não estava convenientemente preparada para ir a um lugar onde houvesse mais gente.

Sergio - Sabes que assim mesmo, simplesmente vestida como estás, és bastante bonita? Porque não te vestes melhor e não procuras um centro grande onde possa ser melhor apreciada a tua beleza e possas viver mais folgadamente?

Helena - Sinto-me bem aqui.

Sergio - Na cidade onde móro, outras que não teem a metade da tua beleza encontram-se em situação bastante melhor do que a tua. Vamos, senta-te aqui pertinho de mim.

Helena - Não. Deixe-me ficar aqui onde estou, por favor.

Sergio - Como? Tens medo de te aproximar de mim?

Helena - Perdõe-me... eu não estou acostumada...

Sergio - Porque aceitaste então o meu convite? Porque vieste aqui?

Helena - Porque estava com fome e não tinha onde dormir. Perdõe-me se o contrario... se o decepciono... Pensei que custasse menos... O senhor me dá licença que eu vá embora?

Sergio - Para onde queres ir?

Helena - Não sei...

Sergio - Não acabaste de dizer que não tinhas onde dormir?

Helena - Sim, mas... poderei ficar sentada num banco da praça até que desponte o dia.

Sergio - Não ha necessidade nenhuma de passares a noite ao relento. Podes ficar nesse divan. Ele será sempre menos incomodo do que o banco de pedra de uma praça.

Helena - É que... eu não sei como explicar...

Sergio - Compreendo. Podes ficar sem receio que eu não te incomodarei.

Helena - Obrigada. Muito obrigada.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE FOLHAS)

- Estac. - O que deseja a senhora?
- Helena - (nervosa) Uma passagem para Nancy.
- Estac. - Primeira classe ou segunda?
- Helena - Primeira.
- Estac. - (Pausa) Terá uma nota menor, por favor? Estou com pouco troco.
- Helena - Talvez tenha, um momento. (Pausa) sim, tenho aqui uma nota de cem. (Pausa) O trem demorará muito a sair?
- Estac. - Não senhora, já vai sair agora. Falta um minuto, apenas.
- Helena - Um minuto? Eu não posso perdê-lo. (Pausa)
- Estac. - Um momento, minha senhora. (Param os passos) Olhe o seu troco.
- Helena - Ah sim, o troco, é verdade. Muito obrigada. (Passos que se afastam)
- Estac. - Como está nervosa, papagaio! Chegou a se esquecer do troco!

(OUVE-SE UMA BATIDA FORTE DE SINO. É O SINAL PARA A PARTIDA DO TREM. OUVE-SE O APITO DA LOCOMOTIVA E O RUÍDO DO TREM QUE AOS POUCOS VAI SE AFASTANDO.)

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE FOLHAS)

(Batidas na porta, a alguma distancia)

Sergio - (Bocejando) Entre. (Ruído de porta que se abre e se fecha e passos que se aproximam).

Empregado - Bom dia, senhor. Olhe o café.

Sergio - Que horas são?

Empregado - Quasi nove horas, senhor.

Sergio - Já? Oh diabo, dormi de mais hoje.

Empregado - Com licença, senhor. (Passos que se afastam)

Sergio - Ué!... E a creatura que ficou ontem aí? Teria ido embora? Com certeza não teve coragem de encarar-me à luz do dia e tratou de sair antes que eu me acordasse. Estranha mulher aquela! Nunca me vi em face de um caso tão exquesito. Coitada! sabe lá que circunstancias a trouxeram até meu quarto. Seus olhos deixavam transparecer a um tempo acanhamento e remorso. Não precisava ter fugido. Eu saberia compreender a sua situação, fosse qual fosse. (Batem nove badaladas encaçadas) Nove horas já. Vou tratar de vestir-me que o trem passa ao meio dia e tenho muito que fazer ainda. Não sei como pude dormir até tão tarde. (Ruído de abrir uma janela) Esta uma manhã bellissima de sol! Terminantemente eu não devo meter-me nos clubes noturnos nas vésperas de viagem. Por mais que se tenha a intenção de sair cedo ha sempre um amigo para conversar, ha uma pequena que nos convida a uma ceia, o jogo que nos prende se estamos ganhando e perdendo tambem porque queremos recuperar, a dança e etc., e quando nos retiramos para dormir temos já perdida uma grande parte da noite. É claro que no dia seguinte o cansaço e o sono nos prendem até mais tarde na cama. (Ruído de despejar agua numa bacia, de molhar as mãos, ensaboá-las e lavar o rosto) Esta aguinha está boa, freguinha! Parece recém aparada numa vertente. (Assobia uma melodia qualquer e prosegue-a depois, por alguns momentos, cantando-a) Ué! O meu casaco no chão? Eu sei que o pendurei naquele cabide. Quem poderia ter mexido nele? Aquela mulher, talvez! (Pausa) ~~amihha~~ A minha carteira!

→  
daqui.

A minha carteira desapareceu! Todo o meu dinheiro!... Uma importância tão grande! Será possível, meu Deus?!... Não, não pode ser. Quem sabe no bolso da calça? (Pausa) Não está. sim, não resta a menor dúvida. Foi ela. Fui roubado! Fui roubado!...

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE FOLHAS)

Modista - Este modelo não lhe agradou, Madame?

Helena - sim, é bonito. simples demais, entretanto, para uma cerimonia como a que vou assistir.

Modista - Quem sabe este aqui?

Helena - É, este me agrada mais, contudo ainda não é o que eu desejava.

Modista - Bem, nós temos outros vestidos como a senhora diz que deseja, mas mas são confeccionados em nosso atelier. Alguns até são feitos com tecidos importados do Oriente.

Helena - Mostrem'os, por favor.

Modista - Pois não, Madame. Tenha a bondade de acompanhar-me até aquele armário. (Passos sempre a mesma altura do microfone) Os que lhe mostrei são os últimos modelos recebidos. (Mais alguns passos e param) Aqui estão. Não lhe agrada este preto bordado a prata?

Helena - É bonito, sim.

Modista - É copia fiel de um modelo que Norman Hartnell desenhou para Bebe Daniels. (Pausa) Norman Hartnell é o costureiro oficial da Rainha Elizabeth da Inglaterra.

Helena - Experimentarei este, então. se me ficar bem no corpo ficarei com ele. Ah é verdade! Eu queria também uma capa de peles. Necessito de um abrigo qualquer. Não como abrigo, propriamente, mas como complemento da toilette.

Modista - Temos diversos, Madame. Argentês, petit-gris, marthas...

Helena - Nada disto. Eu desejava <sup>enho-rasé</sup> Aigneau <sup>razé</sup> ou cincilia.

Modista - Também temos, Madame. Temos um abrigo de cincilia, maravilhoso!

Helena - Bem, veremos isto depois. Vamos experimentar o vestido.

(SOPRAR DO VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

Joalheiro - Não lhe agrada este colar de perolas orientais, Madame? É belissimo!

Helena - sim, eu ficarei com ele, mas independente do colar eu desejava também um bracelete e um anel. Ambos com perolas e brilhantes.

Joalheiro - Temos aqui um sortimento maravilhoso! Veja este brilhante. É tal a sua pureza que os seus reflexos são azuis. E repare como é linda a perola.

Helena - Gosto do brilhante. A perola, entretanto, eu preferia que fosse um pouco mais escura. Como esta aqui, por exemplo.

Joalheiro - Poderemos muda-la, Madame. Põe-se esta perola junto a este brilhante.

Helena - sim, faça isto, então. Vejamos agora o bracelete.

Joalheiro - Madame não se agrada de nenhum destes?

Helena - Não terá por acaso algum outro com motivos egípcios?

Joalheiro - Sim, casualmente temos um mas não é com pedras e brilhantes. É com rubis e esmeraldas.

Helena - Não faz mal, deixe-se vê-lo. (Ruído de chave. Ruído)

Joalheiro - Aqui está. Chamo a atenção de Madama para a beleza das pedras.

Helena - Qual é o preço deste bracelete?

Joalheiro - Poderei fazer para a Madama despite mil cruceiros. O preço é vinte.

Helena - Perfeitamente. Ficarei com este também. Mandou-se levar estas joias ao quarto 214 do Hotel Metropol. Pagarei lá ao portador.

Joalheiro - Perfeitamente, Madama. Eu mesmo irei levá-las. A que hora pôde ser?

Helena - A hora do almoço. antes disto eu não estarei lá

(NOVAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

(ENTRADA)

L. Graça - Não veio nenhum telegrama de minha mãe, Cordelia?

Jordelia - Não, dona Maria de Graça, até agora não chegou nada.

L. Graça - Eu não sei... papai afirma que ela chegará para o meu casamento amanhã mas eu estou estranhando este silencio. Será possível que ela não tivesse telegrafado?

Jordelia - Talvez com a satisfação da viagem nem se tivesse lembrado disto. E pôde ser também que tivesse telegrafado e o telegrama se extraviasse. A senhora sabe que isto ás vezes acontece.

L. Graça - Acontece, sim, eu sei, mas eu não desejava que tivesse acontecido. Eu tinha vontade de ter certeza que ela estaria aqui amanhã. Tenho receio de que não venha ou que não chegue a tempo. E como desejo abraçá-la e beijá-la, meu Deus!...

Jordelia - O seu desejo ha de ser satisfeito, descanse.

L. Graça - Se ela hoje ainda está como naquelles retratos que possui, irá deslumbrar a todos pela sua beleza.

Jordelia - Deve estar mais velha. Os retratos que a senhora tem são de dezesseis anos passados. A senhora tinha dois quando ela partiu.

L. Graça - Como é possível que minha mãe tenha tido a coragem de ficar tanto tempo assim longe de mim?

Jordelia - Não terá sido por espontânea vontade, dona Maria de Graça. Lembra-se que foi uma promessa que ela fez.

L. Graça - Sim, eu sei, mas... afinal ela poderia ter feito uma promessa que não sacrificasse tanto a mim e a ela. Passei toda a minha meninice sem o seu carinho e o seu cuidado.

Jordelia - É que essa promessa foi feita num momento em que ninguem mais acreditava que a senhora se salvaria. Nem ela mesma. A senhora estava completamente morta. Acusou-lhe, ela tinha que cumprir o que prometeu.

L. Graça - Coitada! quanto deve ter sofrido! Ela chorou muito ao se despedir de mim, Jordelia?

Jordelia - Muito. Muito mesmo. Cortava o coração da gente.

L. Graça - E papai deixou-a partir assim sem procurar convencê-la de ficar?

Jordelia - Não. Ele quis, a principio, impedir a sua partida. Depois já se conformava que ela fosse a Jerusalém, beijasse o santo sepulchro e regressasse outra vez mas ela fez questão absoluta de cumprir a risca o que lhe via prometido a Deus.

- M. Graça - Como é valorosa a minha mãezinha! Admire-a tanto, tanto, Cordelia! E parece que ainda a quero muito mais pelo sacrifício enorme que fez por mim, pela minha vida!
- Cordelia - Deve querê-la, sim. Ela bem merece a sua estima. É tão boa!
- M. Graça - Sabes que cheguei muitas vezes a desconfiar que Mamãe tivesse partido por não se dar com Papai?
- Cordelia - Óra que ideia, dona Maria da Graça! Eles sempre se deram tão bem, sem pre foram tão felizes!
- M. Graça - Por isto mesmo o seu sacrifício aumenta em valor para mim. Hei de beijá-la tanto e tanto amanhã! Hei de dar-lhe num só dia todos os beijos que não lhe pude dar durante todos estes anos em que estivemos separadas.
- Cordelia - seu vestido de noiva já veio, está lindíssimo! seu Milton vai ficar deslumbrado quando a vir com ele.
- M. Graça - Milton é muito bom, tu não achas?
- Cordelia - É uma flor, dona Maria da Graça. E a quer muitíssimo que é o principal.
- M. Graça - Eu também o quero muito. Acho que seremos muito felizes, Cordelia, muito felizes!
- Cordelia - Não de ser, sim. Deus ha de proteje-los.
- M. Graça - Será que minha mãe vem? Eu estou tão ansiosa, tão ansiosa pela sua chegada que nem mesmo consigo pensar direito na minha toilette de noiva.
- Cordelia - Ela ha de vir, sim. seu pai até hoje lhe prometeu alguma coisa que não cumprisse?
- M. Graça - Não. Todas as suas promessas até hoje foram fielmente cumpridas.
- Cordelia - E ele não lhe afirmou que ela estaria aqui para o seu casamento?
- M. Graça - Afirmou.
- Cordelia - Pois então descanse que ela estará.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PAGINAS)

(Campainha de telefone chamando várias vezes. Passos se aproximam)

- Empregado - Pronto.
- Helena - (A distancia) Quem fala aí?
- Empregado - É da casa do senhor Celso Ortiz.
- Helena - Faça o favor de me informar se ele está em casa?
- Empregado - sim senhora. Casualmente acaba de chegar. Quem é que quer falar com ele?
- Helena - Helena san Diego.
- Empregado - Um momentinho, minha senhora, tenha a bondade. (Falando para Celso) senhor Celso, uma senhora deseja falar-lhe.
- Celso - Quem é?
- Empregado - Helena san Diego.
- Celso - Ah, sim. (Pausa) Alô!

- Helena - Quem fala aí, é o senhor Celso?
- Celso - Eu, sim senhora.
- Helena - Eu queria avisar-lhe que estou na cidade.
- Celso - Em casa de Valmor?
- Helena - Não senhor. Estou no Hotel Metropól. só irei para a casa dele amanhã, umas duas ou tres horas antes da cerimonia. será melhor para ambos.
- Celso - Como quizer. O que Valmor faz questão absoluta é que a senhora assista a cerimonia.
- Helena - E a que horas será, pôde me dizer?
- Celso - Às quatro horas da tarde, dona Helena.
- Helena - Irei logo depois do meio dia, então.
- Celso - Se achar melhor poderei ir buscá-la.
- Helena - Como quizer. sim, talvez seja melhor. O senhor me ajudará a disfarçar o constrangimento que naturalmente hei de sentir.
- Celso - Perfeitamente. Passarei, então, no Metropól à uma hora da tarde, está bem?
- Helena - Muito bem. Obrigada e até amanhã, então.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

- Valmor - Tu aqui a esta hora, Celso? Que novidades há?
- Celso - D. Helena chegou. Está no Hotel Metropól. Amanhã à tarde virá para cá.
- Valmor - No Metropól?! Mas tu não me disseste que a encontraste em um albergue?
- Celso - sim, mas naturalmente conseguiu o dinheiro necessário para as despesas. Ela disse que o conseguiria quando recusou o que lhe mandaste.
- Valmor - E estás absolutamente seguro de que ela representará o papel que lhe cabe sem que Maria da Graça possa desconfiar de nada?
- Celso - sim, não tenho dúvidas. Ela mesma se mostrou satisfeita em que a filha ignorasse toda a verdade a seu respeito.
- Valmor - Porque não veio diretamente a esta casa, então?
- Celso - Porque disse que se sentiria constrangida e assim estaria aqui apenas o tempo que fosse absolutamente necessário.
- Valmor - Não lhe disseste que eu estaria disposto a deixa-la ficar aqui se ela o desejasse?
- Celso - sim, disse, mas ela não se mostra disposta a aceitar nada de ti, meu amigo. O que vai fazer é pela filha, apenas.
- Valmor - Está bem. Ela que faça como achar melhor, então. Estão tomadas todas as providencias para a cerimonia de amanhã?
- Celso - sim. Está tudo perfeitamente em ordem. Amanhã à uma hora da tarde irei buscar dona Helena e a trarei para cá. Deante de tua filha seras obrigado a te mostrar carinhoso e gentil com tua esposa. Não te esqueças.
- Valmor - Já pensei em tudo isto. Nada receies por mim.
- Celso - Dize-me com sinceridade, Valmor: tu não desejarias que ela ficasse em tua casa?

- Valmor - Bem sabes que si, mas não por mim, pela menina. Helena deixou de ser minha esposa ha dezete anos, mas será sempre a mãe de minha filha. E tu bem sabes o quanto eu adoro Maria da Graça. Muitas vezes estive a ponto de humilhar-me e pedir a Helena que voltasse, quando a menina me pedia que mandasse vir a sua mãezinha.
- Celso - O grande mal de vocês, Valmor, o que os separou verdadeiramente, foi que ambos deixaram que falasse mais forte do que a amizade que os unia, o amor proprio e o orgulho.
- Valmor - O que nos separou definitivamente, Celso, foi Helena não me ter amor. Foi confessar friamente, clinicamente quasi, que amava a outro homem.
- Celso - Clinicamente ou lealmente, meu caro. Isto é questão de ponto de vista.
- Valmor - Bem, Celso, deixemos de lado este assunto. Não convem soprar as cinzas de sobre as brasas.
- Celso - Tu ainda a amas, Valmor.
- Valmor - Não.
- Celso - Amas, sim. Procuras iludir a ti mesmo pelo teu grande amor proprio.
- Valmor - Deixemos este assunto, já te pedi.
- Celso - Está muito bem. Retiro-me, então.
- Valmor - Amanhã, quando a trouxeres a esta casa, introduze-a em meu gabinete. An tes que ela se aviste com Maria da Graça desejo falar-lhe.
- Celso - Muito bem. Até amanhã, então.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

- Helena - É interessante... não me lembro de você.
- Cordelia - É que eu entrei para a sua casa poucos dias antes da senhora abandoná-la. Exatamente naqueles dias a senhora pouco saia do seu quarto.
- Helena - E durante todo este tempo esteve a serviço de minha filha?
- Cordelia - sim. Quasi que se pôde dizer que fui eu que a criei.
- Helena - Deixe-me beijá-la, então. (Beijo) Neste beijo vai todo o meu agradecimen to por tudo que tem feito por ela.
- Cordelia - Óra, minha senhora, dona Maria da Graça bem merece o nosso carinho. É tão boazinha, tão meiga...
- Helena - Onde está ela agora? Porque não veio receber-me?
- Cordelia - Almoçou mais cedo e fiz com que se deitasse para repougar um pouco. A cerimonia é ás quatro horas e ás duas devere começar a preparar-se.
- Helena - Não vai avisá-la que já estou aqui?
- Cordelia - sim, vou, mas antes preciso dar tempo a que o patrão se entenda com a senhora.
- Helena - Já nos entendemos por intermedio do senhor Celso. Nada temos a dizer um ao outro.
- Cordelia - Em todo o caso foi esta a ordem que recebi, dona Helena e não posso con traria-la. (Passos) Ah vem o patrão. Com licença, eu me retiro. (Passos que se afastam).

- Valmor - Boa tarde.
- Helena - Boa tarde.
- Valmor - sente-se, por favor.
- Helena - Obrigada, estou bem de pé.
- Valmor - Fez boa viagem?
- Helena - Estará mesmo convencido de que eu tenha vindo de Jerusalem? Andei apenas quatro horas de trem, não esqueça isto.
- Valmor - Contudo. No espaço de quatro horas quantas coisas podem acontecer?
- Helena - Desejava fazer-me alguma recomendação antes que eu me avistasse com a ~~minha filha?~~ nossa filha?
- Valmor - Desejava apenas ter a certeza de que a senhora estará disposta a cumprir as condições que lhe mandei propor para assistir o casamento de minha filha.
- Helena - Não tenha receio que saberei representar a comédia quando estiver diante de "Nossa" filha. No pequeno prazo que me foi concedido o papel foi bem estudado. Falas e gestos.
- Valmor - Bem, neste caso estamos entendidos: A senhora pode entrar quando quiser. Ela está em seu quarto repousando.
- Helena - Como faço questão absoluta de não lhe dever nada, antes de nos separar, quero agradecer-lhe de me ter poupado diante de minha filha, ficando a minha ausência com uma promessa que eu estaria longe de ter o valor necessário para cumpri-la.
- Valmor - Nada me deve por isto. O que fiz foi por mim e por ela, unicamente. Pelo meu amor próprio e para poupar-lhe um desgosto.
- Helena - De qualquer forma fui beneficiada com a sua mentira. Obrigada.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PAGINAS)

- M. Graça - (emocionada) Assim, mãezinha, aperta-me bem contra o teu coração. Beija-me muitas vezes. (beijos) Assim. Mais. (beijos) sempre mais. Quero que me des agora todos os beijos que não tive de ti nestes longos anos de ausência e de saudade! (Pausa. Beijos) Como eu sofri a tu falta, mãezinha!...
- Helena - (emocionada, quasi sem voz) Minha querida, perdôa-me!...
- M. Graça - Nada tenho a perdoar-te, mãezinha. O que fizeste foi por mim. Foi com o desejo de salvar-me a vida. Adoro-te, mãezinha, adoro-te!...
- Helena - Como agradeço a Meu Deus este instante de felicidade, Maria da Graça!
- M. Graça - A minh'alma de joelhos beija-lhe os pés do filho crucificado.
- Helena - Crucificada também vivi eu na minha saudade, todos estes longos anos em que estivemos separadas.
- M. Graça - Mas agora estamos novamente reunidas e nada, nada mais neste mundo te dá força bastante para nos separar. Vem, senta-te aqui pertinho de mim e conta-me dessa Jerusalem longínqua, para onde te levou a tua fé e o teu amor maternal.



- Mordomo - A quem devo anunciar, senhor?
- sergio - sergio Ramires.
- Mordomo - Dê-me a sua cartola e as suas luvas. (Pausa) Com licença um momento, senhor. (Passos que se afastam).
- sergio - Interessante, pensei assistir a um casamento de grande pompa, com inúmeros convidados, mas pelo silêncio reinante vejo que os convites foram limitadíssimos, a não ser que eu tenha me antecedido muito a hora marcada... (Passos que se aproximam)
- Mordomo - O senhor quer ter a bondade de acompanhar-me até o salão?
- sergio - Pois não. (Passos sempre à mesma altura) A cerimonia é sempre às quatro horas?
- Mordomo - É, sim senhor.
- sergio - Pensei que tivesse sido transferida. Vejo tão pouco movimento...
- Mordomo - É que o senhor Valmor convidou apenas os amigos mais íntimos. (Pausa) Tenha a bondade de passar, senhor.
- Celso - Olá, meu caro sergio!... Como vai essa eterna mocidade?
- sergio - Eterna mocidade? O meu amigo Celso sempre amavel! Guarde os seus galanteios para as mulheres, meu caro. Então, tem passado bem?
- Celso - Felizmente sim. Um pouco afobado com este casamento. Valmor transformou-me de uma hora para outra em mestre de ceremonias e eu já não tenho mais pratica dessas coisas. Tenho tido um trabalho horroroso!
- sergio - Parece-me que cheguei um pouco adiantado, não é verdade?
- Celso - Não, meu amigo, chegou precisamente na hora exata. Faltam quatro minutos para as quatro. Monsenhor Alexandre, que oficiará a cerimonia, já chegou e está no quarto paramentando-se. (Passos que se aproximam)
- Helena - senhor Celso, Maria da Graça já está pronta. Quando monsenhor Alexandre estiver... Oh!... Desculpe...
- sergio - (A meia voz) Quem é essa senhora?
- Celso - Aproxime-se dona Helena. (Passos que se aproximam).
- Helena - Eu não desejava interrompê-los...
- Celso - Absolutamente, a senhora não nos interrompe. Vou apresentar-lhe aqui um amigo de seu marido e meu amigo também.
- sergio - sergio Ramires, minha senhora.
- Celso - Esta é a esposa de Valmor. A mãe de Maria de Graça. Encontrava-se no Egipto ha muitos anos.
- Helena - Helena san Diego, meu senhor.
- Celso - O que dizia a senhora quando chegou, dona Helena?
- Helena - Que Maria da Graça já está pronta. Assim que Monsenhor Alexandre vier podemos dar inicio a cerimonia.
- Celso - Vou ver se ele já está preparado. Com licença. (Passos que se afastam)
- Helena - (após uma pausa, constrangida) gente-se, por favor.
- sergio - Obrigado, estou bem de pé.
- Helena - (após outra pausa) Está calor, não é verdade?

sergio - Realmente. (Pausa) Diga-me por favor, senhora, não se lembra de já nos termos encontrado antes?

Helena - Talvez, quem sabe... O senhor nunca veio à nossa casa no tempo em que eu ainda residia em companhia do meu marido? Quero dizer... antes de eu ter realizado a minha viagem ao Egipto?

sergio - Não. Quando conheci seu marido, ha cinco anos atrás, já a senhora não vivia nesta casa.

Helena - A não ser que o senhor também tenha ido ao Egipto, acho muito difícil que nos tenhamos conhecido antes.

sergio - Pois afianço-lhe que a senhora está enganada. Afianço-lhe que nos conhecemos a muito poucos dias, não muito distante daqui.

Helena - (gargalhada forçada) Está enganado, meu amigo. Redondamente enganado. Eu cheguei hoje pela manhã.

sergio - Basta. A senhora é uma impostora.

Helena - senhor!

sergio - Uma impostora, sim; se não bastassem os seus belos dentes para que eu a identificasse, esse sinal que tem no pescoço seria suficiente para denunciá-la. Quer que lhe diga onde nos encontramos ha trez dias? Quer que lhe repita o que fez?

Helena - (sem voz, assustada) Cale-se, por favor. Cale-se por piedade!

sergio - Confessa então?

Helena - (Quasi sem voz) sim.

sergio - sabe que vou denuncia-la incontinentemente?

Helena - (chorando) Não, por favor, não. Tenha pena de mim! Eu lhe devolverei todo o dinheiro que ainda me resta e todas as joias que adquiri e me entregarei também em suas mãos, mas por piedade espere ao menos que termine a cerimonia. Por minha filha, por Maria da Graça, pela sua felicidade eu lhe suplico. (Pausa; olucos) Conceda-me essa esmola e eu estarei em suas mãos, tão depressa possa sair desta casa. Por favor, não me diga que não. De joelhos eu lhe peço...

sergio - Não faça isto, levante-se. Lembre-se que podem vê-la.

Helena - Conceda-me duas horas mais de liberdade, apenas, e eu serei depois sua prisioneira. Entrego-me em suas mãos.

sergio - Está bem. Terminada a cerimonia a senhora terá uma hora para desembaraçar-se de algumas visitas que se demorem um pouco mais e ira encontrar-me neste endereço. Aqui tem o meu cartão.

Helena - Irei, sim, juro-lhe. (Pausa) Obrigada!

*fim do 2.º at.*  
(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

Monsenhor - A senhorita Maria da Graça san Diego Valmor aqui presente, aceita o senhor Milton Ordevaz como seu legitimo esposo, assim como manda a santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana?

M. Graça - sim.

Monsenhor - O senhor Milton Ordevaz aqui presente, recebe a senhorita Maria da Graça san Diego Valmor como sua legitima esposa, assim como manda a santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana?

M. Graça - sim.

Monsenhor - Em nome de Deus os considero casados. Que esse Pai de Misericórdia e de Amor possa derramar sobre as vossas cabeças e os vossos corações a sua bênção de paz e de fé. Que a felicidade, a perfeita compreensão, a harmonia e a paz de espírito, reinem sempre no lar em que habitardes. Que seguros e apoiados no santo Evangelho, possais trilhar sempre a estrada do bem e do direito, pisando as roças que a paz de consciência há de espalhar pelo caminho e sentindo o aroma delicioso que das suas pétalas se desprenderá. (Pausa) Ide em paz, meus filhos, com a minha bênção que Deus também vos há de abençoar!

(OUVE-SE A MARCHA NUPCIAL EM SOLOVOX OU ORGÃO) (A principio tocará forte e depois servindo de fundo para o resto da cena).

- Helena - Querida: numa palavra só eu te desejo tudo - Felicidades. (Beijo)
- M. Graça - Obrigada, Mãezinha. Dá-me outro beijo. (beijo)
- Helena - A você entrego a minha filha, Milton. Ela será boa para você. seja-o também para ela.
- Milton - Não tenha receio, Mãezinha, hei de ser sempre bom e digno.
- Valmor - seja feliz, filha, muito feliz porque ninguém mais do que tu merece a felicidade.
- M. Graça - Obrigada, paizinho, muito obrigada. (Beijos)
- Valmor - E você, Milton, terá sempre em mim um grande amigo, se for sempre amigo de minha filha.
- Milton - Eu adoro Maria da Graça, senhor Valmor, o senhor sabe perfeitamente disso. E adorando-a, hei de incensá-la sempre com o meu carinho e a minha ternura.

(sobe o volume da Marcha Nupcial, até um final de frase)

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

(ANUNCIOS)

- Helena - Vamos apurar um pouco, querida, o automovel já te espera lá em baixo para conduzir-te à Estação.
- M. Graça - Porque não vens connosco, mãezinha?
- Helena - Óra, querida, que ideia! A minha presença estragaria completamente a lua de mel de vocês. Principalmente para teu marido. Não, minha querida, Neste período de tua vida os teus carinhos e os teus cuidados devem pertencer apenas a ele. Não podem ser repartidos. (Pausa) Sabes que este costume branco fica admiravelmente bem em ti?
- M. Graça - Achas? Ouve, mãezinha: quem há de dizer que a meia hora atrás eu era apenas uma senhorita e agora já sou a senhora Maria da Graça Valmor Ordovas?
- Helena - A vida é assim, minha filha - uma constante metamorfose.
- M. Graça - Sabes que não ficaremos mais do que oito dias na praia?
- Helena - Porque?
- M. Graça - Porque quero voltar em seguida para nos vermos todos reunidos. Tu também queres isto, não é mãezinha?
- Helena - sim.
- M. Graça - Porque dizes um sim tão sem entusiasmo, tão sem convicção?
- Helena - Como querias que o dissesse?
- M. Graça - Com maior alegria, antegozando a felicidade que juntos desfrutaremos todos. Porque nós devemos de ser muito felizes todos, não é mãezinha? Tu não nos abandonarás nunca mais, prometes?

Helena - Maria da Graça, minha filha querida, a tua mamãe não te pôde prometer coisa alguma.

M. Graça - Como? Porque?!

Helena - Não, filinha, nada...

M. Graça - Fala, mamãe, fala. Tu estás me ocultando alguma coisa, eu sinto.

Helena - Pois bem, ouve, minha filha: eu talvez não devesse perturbar a tua felicidade desta hora revelando-te o segredo de minha vida, mas a minha alma se debate numa luta atroz entre o desejo de o ocultar de ti e o remorso de ser desleal contigo.

M. Graça - O que ha, mamãe? Fala por favor. Conta-me tudo.

Helena - Pois bem, minha filha, seja. Vou cerrar as cortinas sobre a comedia que até agora representei aos teus olhos. (Pausa) Eu não me dou com teu pai. Ha dezeseite anos que estamos separados.

M. Graça - Mamãe!...

Helena - Reunimo-nos hoje pela primeira vez, depois da tragedia que nos separou, para que a tua felicidade não fosse perturbada pela minha ausencia, uma vez que durante todo este tempo não me esqueceste e sempre me desejava ao teu lado.

M. Graça - Foi por isto, então, que partiste para o Egipto?

Helena - sim... foi por isto.

M. Graça - Muitas e muitas vezes esse presentimento me assaltou.

Helena - Teu pai fez questão absoluta que ignorasses sempre a verdade/mas creio que não gera mais possível oculta-la; contudo, parece-me conveniente que não lhe digas nada, que finjas ignorar a realidade, lamentando a promessa que fiz e que me obrigara a viver sempre, ainda por mais, algum tempo, separada de vocês. (Pausa) Compreenderás, agora, que não é possível que eu continue a viver dentro da casa dele.

M. Graça - Porque não? Poderias, sim. Bastava que o quizesse. Eu diria a Papai que estava inteirada de tudo, faria com que se reconcilhassem e continuaríamos a viver todos a nossa vida em comum.

Helena - Não é possível, filinha. Infelizmente não é possível. Teu pai ofendeu-me. Insultou-me. Humilhou-me e acabou expulsando-me desta casa. Nunca pude perdoar-lo. E é preciso que saibas o motivo que o levou a tratar-me deste modo/para que nunca suponhas que tua mãe praticou qualquer indignidade. (Pausa) quando aceitei teu pai em casamento, disse-lhe com toda a lealdade que não o amava, que tinha por ele uma amizade muito grande, misto de reconhecimento e admiração, por ver o quanto ele me queria. Teu pai aceitou-me assim mesmo, dizendo que o amor haveria de vir depois, com o casamento. Como não havia amado ainda a ninguém, acreditei que isto pudesse realmente acontecer e casei-me. Na noite do nosso casamento ele me fez prometer: que no dia em que eu sentisse por outra qualquer creatura um sentimento mais forte do que aquele que lhe dedicava/ que lhe disse: se lealmente e que ele então estaria disposto a conceder-me a liberdade. Esse dia infelizmente chegou/para maior infelicidade ainda, chegou depois de tu haveres nacido. A falta de coragem de me separar de ti, fez com que eu me mantivesse calado deante de minha tortura. Calasse e resistisse. Teu pai, entretanto, notou a minha tristeza, sentiu a minha luta interior e botou-me uma noite em confissão. Quis negar/mas os meus olhos me traíram. Acabei confessando. (Pausa) se soubesses as coisas horriveis que me disse!... Jurei-lhe que nada fizesse que o pudesse envergonhar, que nem mesmo a creatura que me despertara aquele sentimento estava ao par do que se passava dentro de minh'alma, mas ante a sua cólera/foram inúteis todos os meus argumentos e ele acabou por expulsar-me violentamente de sua casa. Fui, e só hoje voltei. Voltei para que a tua felicidade não fosse perturbada mas o meu espirito de lealdade ainda uma vez gritou mais alto do que a voz da conveniencia. (Pausa) E eu que viera

- 17 -

para completar a tua alegria deste momento, enveneno-a, anulo-a totalmen-  
te, talvez, com esta desastrada confissão.

M. Graça - Não, mãezinha, não te preocupes por isto. Foi melhor assim. É preferi-  
vel que eu conheça toda a verdade. (Pausa) Mas e as cartas tão carinhos-  
sas que do Egito escrevias ao Papai?

Helena - Mentiras, como a própria viagem ao Egito. Tudo mentira. Essas cartas  
nunca foram escritas por mim. Teu pai tinha lá um amigo que se encarre-  
gava de escreve-las e remetê-las como si fosse eu que o fizesse.

M. Graça - E onde viveste então todos estes anos?

Helena - Numa pequena cidade perto daqui que por ironia do destino chama-se Por-  
to Feliz. Ali tenho trabalhado e sofrido as maiores torturas que nos  
podem causar a saudade de alguém a quem muito queremos e de quem o des-  
tino implacavelmente nos separou. O que eu desejo agora, minha filha, é  
que eu faça questão absoluta que tu saibas, minha querida, e que em to-  
dos estes anos tenho sido sempre honesta e digna. Honesta? sim. Deus sa-  
be porque... (Batem cinco badaladas espaçadas) Oh meu Deus, cinco horas  
já. Estas atrasada, minha filha. Retoca depressa a tua pintura e desce.  
Teu marido está lá em baixo te esperando.

M. Graça - E para onde irás tu, mãezinha, uma vez que não desejas permanecer nesta  
casa?

Helena - Não sei. Até agora eu só havia pensado no teu casamento que mex// permi-  
tia a suprema felicidade de abraçar-te e beijar-te depois de tantos anos  
de ausência. Para depois dessa hora não havia feito nenhum projeto.  
Ainda não sei o que farei de minha vida. Talvez agora eu vá, em verdade,  
fazer uma longa viagem.

M. Graça - Não, mãezinha, não. Peço-te que ao menos permaneças na cidade para que  
eu possa estar todos os dias um bocadinho contigo. Desde que já não es-  
tejas obrigada a morar com papai, não te será difícil conceder-me este  
presente. (Pausa) Prometes que ficarás?

Helena - Prometo-te pensar no assunto e na proposta que me fizeste, enquanto es-  
tiveres na praia. Na tua volta já terei resolvido alguma coisa em defi-  
nitivo. É possível que fique... depois veremos. Nada se pode saber hoje  
do dia de amanhã. Agora vai. Dá-me um beijo e perdoa todo o desgosto  
que te dei no dia que deveria ser o de maior felicidade para ti.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PAGINAS)

Helena - Oh meu Deus, tenho que pressar-me... (gineta de chamada) Restam-me apenas  
vinte minutos para me apresentar à prisão. (Passos que se aproximam).

Mordomo - Madame chamou?

Helena - sim. Deixa as minhas malas e ponha-as no automovel.

Mordomo - O automovel ainda não voltou da Estação, Madame.

Helena - Chame um carro de praça, não posso esperar.

Mordomo - Perfeitamente, Madame. São estas as malas?

Helena - sim. Estas duas. Não. Esta valise póde deixar que eu mesma a levarei.

Mordomo - Com licença, Madame. (Passos que se afastam)

Helena - Eu deveria deixar um bilhete a Maria da Graça, talvez... mas não... O  
que lhe direi? Não sei ainda o que será feito da minha vida... Poderia  
apenas deixar-lhe algumas palavras de ternura mas... todas as que dei-  
xasse seriam insuficientes para exprimir-lhe o que sinto. (Passos que se  
aproximam).

Valner - A senhora já vai?

- Helena - sim.
- Valmor - Porque não fica?
- Helena - Porque não posso nem devo ficar.
- Valmor - Já pensou na dificuldade que eu vou ter de explicar a Maria da Graça o motivo da sua nova ausencia desta casa?
- Helena - Não se preocupe. Eu já lhe disse que a minha promessa ainda não estava fielmente cumprida e já a convenci de resignar-se a uma nova ausencia.
- Valmor - E o que disse ela?
- Helena - Conformou-se com a situação.
- Valmor - E para onde vai a senhora?
- Helena - Não sei, ainda. Talvez volte para onde estava.
- Valmor - Para o albergue?
- Helena - sim, ou talvez para um lugar ainda pior, não sei.
- Valmor - Helena, ponha de parte todo esse orgulho, tanta altivez e tanto amor próprio e continue a ser dentro desta casa a mãe de sua filha.
- Helena - Não posso. Esta casa é sua. O senhor a mantém. Foi com o seu dinheiro que tudo aqui foi comprado e eu jurei a mim mesma, pela minha honra e pela minha vida, que nunca mais aceitaría um real do senhor. Os maiores insultos que me dirigiu, os que até hoje vibram nos meus ouvidos e no meu coração, foram aqueles em que o senhor fez referencia a sua fortuna e a minha situação de quasi penuria antes de me casar com o senhor.
- Valmor - Eu estava dóido, Helena. Alucinado de ciúmes. Peço-lhe agora perdão dessas palavras.
- Helena - Não posso perdoo-las. É mais forte do que a minha vontade o sentimento que elas me inspiram.
- Valmor - Que pena! Lamento-o sinceramente... por você, por mim e principalmente por Maria da Graça.
- Helena - Bem, dê-me licença. Não posso me demorar mais.
- Valmor - Nem ao menos a mão você me dá em despedida?
- Helena - A comedia terminou. Não ha mais espectadores. O pano já baixou.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

- Sergio - Póde entrar.
- Helena - Desculpe se me atrasei alguns minutos. Não me foi possível desembaraçar antes. Estou lá em baixo na portaria, as malas com os vestidos e as peças que comprei com o seu dinheiro. Nesta valise encontrará ainda uma parte desse dinheiro e as joias.
- Valmor - Guarde-as para entrega-la à policia.
- Helena - Estou às suas ordens, então. queria apenas fazer-lhe um pedido.
- Valmor - Fale.
- Helena - (após uma pausa) Não, deixe. O senhor já foi tão generoso para mim es- perando estas duas horas para denunciar-me... não tenho o direito de lhe pedir mais nada.
- Sergio - Fale. Diga o que deseja.

Helena - Ainda por minha filha, eu queria lhe pedir para ser apresentada à polícia do lugar onde o roubo foi praticado. Já, apenas eu sofreria o castigo da culpa que me cabe. Aqui Maria da Graça seria fatalmente atingida pelo escândalo e afinal, coitadinha...

sergio - Perfeitamente. Não sei que razões a teriam levado a praticar esse roubo mas pela sua filha a quem aprecio e por seu marido, de quem sou amigo, concordo em ~~me~~ satisfazer-lhe esse pedido.

Helena - Obrigada. Quando poderemos embarcar então?

sergio - Amanhã de manhã. Até lá a senhora permanecerá aqui como minha prisioneira

Helena - Perfeitamente. Já me entreguei em suas mãos e já me considero sua prisioneira desde que transpuz os humbrais daquela porta.

sergio - Vou mandar subir as suas malas, então.

Helena - Como quiser. (Passos que se afastam) Obrigada, meu Deus!... Obrigada, meu Pai, por mais esta graça que me concedeste!...

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

(Badalada forte de sino dando a saída de um trem. Apito. Trem em movimento, afastando-se pouco a pouco até desaparecer na distancia).

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

Delegado - O seu nome?

Helena - Helena gan Diego. Valmor por parte do meu marido mas como vivo dele separada ha 17 anos não costumo assiná-lo.

Delegado - Idade?

Helena - Trinta e seis anos.

Delegado - O nome do queixoso?

sergio - sergio Ramires.

Delegado - Alega o senhor que esta senhora roubou-lhe uma carteira de couro marrom contendo a elevada quantia de quasi trezentos mil cruzeiros?

sergio - É verdade.

Delegado - O que tem a senhora a dizer em sua defesa?

Helena - Absolutamente nada, meu senhor. Roubei-a, realmente.

Delegado - E o que fez de tão elevada quantia?

Helena - Uma parte ainda está nesta valise. O que falta gastei em joias e toilettes.

Delegado - E essas joias aonde estão?

Helena - Estão tambem na valise.

Delegado - E porque fez isto?

Helena - Porque necessitava apresentar-me decentemente vestida deante de meu marido e de minha filha. Procurei trabalho, negaram-me. Pedi esmolas, negaram-me. Resolvi-me então a roubar.

Delegado - E para se apresentar decentemente vestida deante de seu marido e de sua filha a senhora necessitava de uma quantia tão alta?

Helena - Não, mas a verdade é que só me apercebi do que continha a carteira quando na estação comprei a minha passagem.

Delegado - Muito bem, a senhora ficará detida e responderá a processo. Quanto ao senhor faremos um levantamento de tudo que estas malas contem e em tempo oportuno o que for possível lhe será restituído.

sergio - Perfeitamente, senhor Delegado. Posso retirar-me?

Delegado - sim.

Helena - Um momento, senhor. Antes de nos separarmos para talvez nunca mais nos tornarmos a encontrar, eu queria pedir-lhe desculpas dos aborrecimentos todos que lhe causei e ao mesmo tempo agradecer-lhe todas as atenções que me dispensou. Deus ha de recompensar-lhe por tanta bondade. Faça-me ainda um ultimo favor.

sergio - Fale.

Helena - Não diga a ninguem o que me aconteceu e seja o portador de uma carta para minha filha.

sergio - Pois não.

Helena - Aqui a tem. A letra está trêmula porque a escrevi em viagem. O balanço do trem não me permitiu traça-la com a mesma firmeza, com que realizei todos os meus planos. Esta carta o senhor a entregará a Cordelia para que seja dada á minha filha no dia em que ela regressar da sua viagem de nupcias.

sergio - Perfeitamente. Com a sua licença, senhor Delegado. (Passos que se afastam).

Delegado - Queira acompanhar-me, minha senhora. (Passos que se afastam)

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

Cordelia - Era comigo que o senhor desejava falar?

sergio - A senhora é que se chama Cordelia?

Cordelia - sim senhor.

sergio - Trago uma carta de Dona Helena para que a senhora a entregue a dona Maria da Graça, no dia em que regressar da sua viagem de nupcias.

Cordelia - Uma carta de dona Helena? Onde está ela?

sergio - Onde está?... Olhe, senhora... para dizer-lhe com franqueza... eu não sei onde ela está... Encontramo-nos por acaso no trem e ela me pediu que fizesse isto.

Cordelia - Dona Maria da Graça demorará ainda uns tres ou quatro dias, em todo o caso quando ela chegar eu lhe entregarei a carta.

sergio - Muito bem, era só isto então. Ah é verdade... Talvez seja conveniente não dizer nada disto ao senhor Valmor.

Cordelia - Ela falou alguma coisa neste sentido?

sergio - Não, ela não me disse nada, mas... pela conversa que tivemos no trem eu soube que eles vivem separados ha vários anos e que essa viagem era quasi uma fuga. Talvez fosse melhor não dizer nada. se a filha depois quizer mostrará a carta ao Pai.

Cordelia - sim, realmente, parece-me que o senhor tem razão. Obrigada então pelo seu trabalho.

sergio - Nada tem que me agradecer, senhora. Passe bem.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

Celso - E então, como se foram de viagem?

M. Graça - Muito bem, felizmente.

Milton - Maravilhosamente bem. Passamos oito dias deliciosos!

Celso - Meu pai estava degatinado de saudades. Todas as noites eu vinha para cá conversar e distraí-lo.

M. Graça - E nós também todas as noites nos lembramos dele e de Mamãe. Porque ela não esperou que eu chegasse para partir novamente?

Valmor - Não sei. Sua mãe parece que já se habituou longe de nós.

M. Graça - E para onde foi, não disse?

Celso - Foi visitar uma irmã muito velha que mora, parece-me, em Porto Feliz. É perto, creio que desta vez não se demorará muito.

Valmor - E seu maridinho como a tratou?

M. Graça - Esplendidamente bem. E prometeu-me que me ha de tratar sempre assim.

Celso - Não confies muito nas promessas dos homens, não, Maria da Graça. Eles não merecem muita confiança.

Milton - O senhor está falando contra si próprio.

Celso - Estou, eu sei. Mas nem por isto deixo de dizer uma verdade.

M. Graça - Que horror, meu Deus! será mesmo possível?

Milton - Deixe-o falar, querida. Diga-lhe que nem todos os homens são iguais.

M. Graça - Ah isto é verdade. Felizmente para mim que isto é verdade.

Valmor - Vocês devem estar com vontade de comer alguma coisa, não é verdade? Janta-se tão mal nesses trens.

M. Graça - Realmente, eu comeria com prazer alguma coisa, antes porem vou ao meu quarto botar um vestido mais leve que estou sentindo calor. Até já, meu querido. (beijo)

Milton - Até já, meu amor.

(SOPRAR DE VENTO E VIRAR DE FOLHAS)

M. Graça - Eu estava ansiosa para falar a sós contigo. E minha mãe onde está?

Cordelia - Não sei. Deixou-lhe esta carta.

M. Graça - Uma carta? Será possível que tenha realmente partido? Não acredito. Ela me prometeu que esperaria a minha volta para tomar qualquer resolução. Naturalmente esta carta traz-me o seu novo endereço. (Ruído de rasgar envelope e abrir carta) Minha querida filha: eu havia te prometido não tomar nenhuma resolução da minha vida sem que tivesses regressado da tua viagem, mas senti que me seria muito mais fácil separar-me de ti durante a tua ausencia do que esperar que regressasses, porque então não sei se teria a necessária coragem de registar as tuas supplicas. Eu bem quizera poder viver a teu lado (chorosa) e o teu carinho haveria de ser uma generosa compensação a todos os sofrimentos que a vida me tem destinado mas por mais que procure adaptar-me a ideia de perdoar teu pai e esquecer as palavras de insulto que ha 17 anos me dirigiu, ainda não o consegui. Viver, como querias, na mesma cidade e de baixo de outro teto, provocaria todos os comentarios que ele tanto se esforçou por evitar durante todos estes anos que transcorreram. Assim, achei que o mais acertado era partir. Não te direi para onde nem o tempo exato que minha ausencia poderá durar. Ela variará de seis meses a um ano. Se durante esse tempo eu não puder esquecer a tentadora proposta que me fizeste de vivermos todos felizes sob o mesmo teto, volta-

rei então e deixarei que fale com teu pai. Até lá, para todos os efeitos, eu continuarei no cumprimento da "minha promessa". (chorando) Um beijo muito e muito carinhoso, da tua Mãe.

Cordelia - Pobre creatural...

M. Graça - (chorando) Pobre Mãe! Como deve ser cruel e dolorosa a luta interior daquele pobre coração! Tanto que eu a queria a meu lado!... Tanto desejei o dia do seu regresso e afinal ela veio para partir outra vez. Mil vezes não tivesse vindo nunca!...

Cordelia - Não chores, minha filha. Quem esperou tantos anos, espera mais seis meses ou um ano. Eu tenho esperança que ela voltara. Tenho esperança que ela o perdoe ainda.

M. Graça - Não sei, Cordelia! Não sei! Quem não perdoou em 17 anos, dificilmente poderá perdoar em seis meses. (Passos que se aproximam). Segunda depreza essa carta, Cordelia, Milton vem aí.

Milton - (de longe) Posso entrar, querida? (Passos se aproximam).

M. Graça - (disfarçando) Pódes sim, meu amor. Estou botando um pouco de pó. Repara, querido, como ficaram vermelhos os meus olhos daviagem.

Milton - Da poeira, talvez. Isto passa. Vim buscar-te, estavas demorando tanto.

M. Graça - É que eu não conseguia encontrar a chave da mala para a Cordelia tirar o vestido que eu queria botar. Agora vou assim mesmo para que papai e seu Celso não fiquem muito tempo esperando por mim.

Milton - Dá-me antes um beijo. (Pausa. Um Beijo) Continuas feliz?

M. Graça - Muito feliz, querido.

Milton - Mais feliz do que ontem?

M. Graça - Sim, mais feliz do que ontem.

Milton - E amanhã?

M. Graça - Amanhã? Amanhã, certamente, hei de estar mais feliz do que hoje!...

(SOFFRER DE VENTO E VIRAR DE PÁGINAS)

(Ouve-se cantar os pássaros e um gino começa a bater 12 badaladas)

SPEAKER - Meio dia!... Os pássaros continuam cantando e o homem continua dormindo. O homem do realejo foi se embora e as crianças também. O vento soprou mais forte e fechou o livro. Que pena!... A historia estava tao bonita! Esperem um pouco. O homem está despertando agora. geria com as badaladas do gino ou o seu estômago estaria também a dar horas? Não sei. Acordou, finalmente. Olhou espantado para mim, estendeu a mão para o livro, agarrou-o e lá se vai com ele em baixo do braço, deixando-nos a curiosidade de saber o que teria Helena resolvido, após haver cumprido a sua pena. Bem, façamos uma coisa: para não deixarmos em suspense o destino da principal personagem desta historia, cada um de nós dá a ela o destino que mais lhe agrada. Aqueles que acharem que o perdão deve caber sempre, e em qualquer circunstancia nos nossos corações, poderão imagina-la de regresso á casa e reconciliando-se com o seu esposo. Os que acharem que o orgulho e o amor proprio devem pairar acima de qualquer outro sentimento, façam de conta que ao se ver novamente em liberdade, Helena proseguir a sósinha pela vida em fóra, no cumprimento da sua promessa.

(RUIDO DE VENTO SOFRANDO MAIS FORTE)

Foi a seguinte a distribuição do romance que acabaram de ouvir: